

UNIVERSIDADE
DO
PARANÁ

LETRAS

FACULDADE
DE
FILOSOFIA

REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS

Diretor: R. F. MANSUR GUÉRIOS

Curitiba - Brasil

— 1961 —

N.º 12

TRÊS ASPECTOS DA OBRA DE ANTENOR NASCENTES

ZDENEK HAMPEJS (Praga)

No dia 17 de Junho de 1961 celebrou o seu 75.º aniversário o grande filólogo brasileiro Antenor Nascentes, Professor emérito do Colégio Pedro II e Professor de Filologia Românica das Universidades do Rio de Janeiro e do Estado do Rio (em Niterói). É uma oportunidade, mais do que conveniente para recapitularmos a importante obra filológica e extra-filológica, realizada no decorrer da sua longa e fecunda vida.

INOVADOR DA FILOLOGIA BRASILEIRA

Seguindo a corrente que poderíamos chamar: democrata, da filologia brasileira, representada, especialmente, por Júlio Ribeiro, M. Said Ali e João Ribeiro, revelou Antenor Nascentes já no seu primeiro livro filológico: *O linguajar caçoca de 1922* a sua orientação, que constitui uma novidade no meio, dominado, salvo raras exceções, por puristas e gramatiquinhos. Não atraído por tradicionais problemas da gramática, mostrou-se nessa obra, escrita a conselho do grande Mestre alemão W. Meyer-Lübke, interessado pelas questões da língua viva, sendo levado, mais tarde, por esta sua orientação, aos estudos, igualmente inovadores, da gíria (*A gíria brasileira*, 1953) e, seguindo a trilha batida por Amadeu Amaral, da dialectologia, que representa a tarefa primordial da filologia brasileira, sendo indispensável iniciar, sem grande demora, os trabalhos de geografia lingüística, para os quais

o Prof. Nascentes lançou os fundamentos teóricos nas *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (1.1958; 2.º volume está no prelo).

Mais conhecido do público geral tornou-se o seu *O Idioma Nacional*, livro que marcou época, quanto à concepção da gramática e dos problemas metodológicos do ensino da língua portuguesa no Brasil.

Não há setor da filologia brasileira que não tenha sido enriquecido com os trabalhos de Antenor Nascentes. Aos problemas ortográficos, além de vários artigos, estão dedicados dois opúsculos: *Como escrever pelo novo sistema* (1930) e *A Ortografia simplificada ao alcance de todos* (1940; posteriormente várias reedições). Também aos problemas da fonética e pronúncia estão consagrados vários trabalhos de Antenor Nascentes. O seu interesse pela problemática da sintaxe revela-se em *O Problema da Regência* (2.ª ed., 1960), no *Método prático da análise sintática* (11.ª ed., 1939), no *Método prático da análise gramatical* (15.ª ed., 1959), nas *Dificuldades da análise sintática* (1959), em vários artigos sobre o tratamento e outras questões sintáticas. A fraseologia está registrada e estudada no *Tesouro da Fraseologia Brasileira* (1945), livro riquíssimo, cuja importância equivale à das *Frases Feitas*, de João Ribeiro. Como lexicógrafo, distinguiu-se Antenor Nascentes sendo autor de quatro dicionários, entre os quais figura o *Dicionário de sinônimos*, publicado em Coimbra (1957) e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, que, em quatro volumes, vai ser publicado pela Academia Brasileira de Letras, a título de projeto do dicionário acadêmico definitivo. Importantes são também estudos, que o Prof. Nascentes realizou e publicou sobre a toponímia brasileira, e as suas edições de textos: a edição escolar de *Os Lusíadas* (1930), a edição crítica da *Música de Parnasso*, de Manuel Botelho de Oliveira (I.II., 1953) e das obras de Laurindo Rabelo (no prelo). É preciso ressaltar ainda que o Professor Nascentes, apesar de ser autor de obras de grande fôlego, sempre encontrou o tempo para breves artigos de divulgação filológica, publicados, sobretudo, em *A Manhã* e na *Revista de Cultura*, e para resenhas de novos livros filológicos.

A maior parte dos trabalhos do Prof. Nascentes se ocupa

da língua portuguesa. Mas, além disso, o culto Mestre publicou obras relacionadas com a filologia românica (*Elementos de filologia românica*, 1954), colocando-se entre os fundadores desta disciplina no Brasil, e com o ensino — ao qual se dedicou muitos anos, da língua e literatura espanholas (*Gramática da língua espanhola*, 5.^a ed., 1943; *Antologia espanhola e hispano-americana*, 2.^a ed., 1945).

As obras filológicas de Antenor Nascentes são pioneiras e inovadoras. Pioneiras por ser êle iniciador de vários estudos que, até então, não foram empreendidos ou apenas o foram deficientemente. Inovadoras por estudarem a língua viva e os fenômenos dialetais. O Prof. Nascentes não se deixou atrair pela corrente purista e dogmática que dominou a filologia por muitas dezenas de anos. Sempre se revoltou contra os classicômanos, contra o artificialismo da língua divorciada da realidade atual. “A língua é uma entidade viva e não pode obedecer a resoluções de gabinete, por mais respeitáveis que sejam”, afirma numa entrevista. Apenas o uso é o ditador da linguagem, enquanto que o filólogo não pode mais do que dar a sua opinião ou o seu conselho. Não se considera gramático, senão filólogo. Impiedosamente fustiga aquêles que querem encaixar a língua em regrinhas estreitas e às vêzes absurdas da velha gramática, que não estudam e não acompanham o progresso da ciência, não compreendendo que a língua evolui e se enriquece e subestimando as forças vivas da língua. Opõe-se aos gramáticos que só gostam de corrigir e não sendo originais nos seus pensamentos, inventam regras e terminologia complicadas. Não suporta o pedantismo dos gramáticos que são aferrados ao passado ou à “lógica” da língua, dos complicadores e atrasadões que desenvolvem um “esforço hercúleo” para parar o processo da evolução da língua, que perturbam o entendimento das questões com a “tirania das regrinhas” forçadas, não sabendo que a língua, longe de qualquer regularidade geométrica, é “cheia de incoerências, irregularidades, ilogismos. Produto da mente móvel, caprichosa, irrequieta”. Em vez dos decretos dos gramáticos aconselha aos seus leitores os ditames do bom senso estético. P. ex., o uso do infinito pessoal (“uma preciosa inutilidade de nossa língua”) condiciona à musicalida-

de da frase, à sua harmonia, à sua cadência; trata-se do problema estilístico, pertencendo igualmente ao campo da estilística outro problema tão debatido: o da colocação dos pronomes. “Em matéria de colocação de pronomes oblíquos, salvo o caso de um patente absurdo, não há certo nem errado; há o agradável e o desagradável ao ouvido”. Também o problema da crase foi colocado pelo Prof. Nascentes no puro domínio da estilística, tendo êle feito “tábua rasa de tôdas as regras, passadas, presentes e . . . futuras”.

Os gramáticos da velha escola rebelaram-se freqüentemente contra os estrangeirismos e neologismos, empobrecendo, assim, a língua e privando-a da sua plasticidade. O Prof. Nascentes, pelo contrário — evitando o emprêgo das expressões “correto” ou “incorreto”, “certo” ou “errado”, considerando como “incorreto” e “errado” só aquilo que foge à compreensão — nunca se opôs aos estrangeirismos quando viu nêles vantagem de expressão, condenando-os só se os sentia desnecessários. “Quando se trata de um galicismo bom e belo, não hesito um segundo. Emprego-o de todo o coração. Não sou purista e faço garbo disto”. “Um galicismo elegante, significativo, é um presente do céu”. Sòmente adverte contra os galicismos sintáticos, que não representam, como os lexicais, fenômenos de aculturação, desnaturando, pelo contrário, a essência da língua. Mas inclusive se um fenômeno dêste tipo pegar, por mais “desnecessário” e “desvantajoso” que seja, é preciso deixar de lado as prescrições e receitas e curvar-se diante do fato consumado da língua. Não se pode contrariar a tendência natural manifestada na linguagem. “Entendo que a língua deve seguir seu curso espontâneo”. Já passou o tempo da “gramática burguesa”, como êle denomina a gramática das regrinhas fúteis — gramática que é “como navegação de cabotagem: não se arrisca no alto mar”.

Partindo das doutrinas dos neogramáticos, fortemente influenciado pela escola vossleriana e, finalmente, aproveitando os ensinamentos do estruturalismo, criou o Prof. Nascentes, na sua vida longa e fecunda, uma grande obra — obra importante não só por ela constar de dezenas de volumes, mas por ter um conteúdo qualitativamente nôvo — democrático e inovador. Obra, que na sua forma, se distingue por um sin-

tetismo inigualável, pela sobriedade, pela falta de afetação, pelo bom-senso. Obra que é exemplo para todos nós.

ETIMÓLOGO

Nenhuma obra do Prof. Nascentes alcançou tanta repercussão no Brasil e além das fronteiras do país como o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Tanto como *O Idioma Nacional* foi livro pioneiro para o ensino da língua portuguesa no Brasil, foram pioneiras estas suas pesquisas etimológicas. Pioneiras e tão importantes no seu tempo que merecem a mais reconhecida apreciação.

Antes de ser publicado o dicionário, saiu na *Revista de Cultura*, fasc. 67, 1932, págs. 5 e segs., um dos verbetes, sob o título: “Etimologia de *igreja*” — ao lado da nota “Além, aquém” (ibidem, 1943) em que o autor discute com Corominas a etimologia destas palavras — o único trabalho etimológico do Prof. Nascentes, publicado em revistas. Todo o resultado das suas pesquisas etimológicas está condensado no *Dicionário*.

O primeiro volume do *Dicionário* saiu em 1932 (829 págs.), por conta do próprio autor, como a “primeira e única edição”, sendo dedicado à memória de Fausto Barreto e Vicente de Sousa, seus professôres de português e de latim, respectivamente. O prefácio da obra foi escrito por W. Meyer-Lübke, que — como sabemos — já vários anos antes, sugerira a elaboração do *Linguajar carioca em 1922* e tinha em grande estima os conhecimentos do professor brasileiro, como demonstra, p.ex., a sua carta, datada de 12/11/1929 e hoje guardada no rico epistolário do destinatário; o Mestre alemão diz, nessa carta, entre outras coisas: “Es freut mich zu sehen, wie sehr Sie auf der Höhe der sprachwissenschaftlichen Forschung stehen”.

A elaboração da obra e a sua publicação foram para o seu tempo e nas condições em que se encontrava o Autor, um empreendimento grandioso. Ele mesmo nos informa sobre a gênese do *Dicionário* na revista *O Bibliographo* (a.II, n.º 9, março de 1932). O artigo revela que a investigação etimológica era uma das predileções do Prof. Nascentes desde seus

anos de mocidade. Já em 1911, na impossibilidade de adquirir o Dicionário Etimológico, de Adolfo Coelho, fazia um pequeno vocabulário etimológico para seu uso próprio. Primeiro usou como base o dicionário da língua portuguesa, de Levíndo de Castro Lafayette e, mais tarde, fez muitos acréscimos. Em 1920 se lembrou, em vez de realizar a obra individualmente, de associar-se a alguns colegas para levá-la a efeito em colaboração. Os colegas convidados, José Oiticica, Júlio Nogueira, Sousa da Silveira, Otelo Reis, não conseguiram harmonizar seus pontos de vista. Um se opunha que a ortografia fôsse a portuguesa, outro achava que não se devia tomar como ponto de partida o Dicionário de Cândido de Figueiredo, apontado aliás apenas por ser o mais copioso. Dêste modo fracassou a idéia. — “Continuei sozinho o trabalho e o terminei em 11 de fevereiro de 1924”.

No mesmo artigo fala o Prof. Nascentes também sobre o método do seu trabalho. Primeiramente organizou as suas fichas segundo as línguas de origem, mais tarde juntou as palavras de tôdas as origens por ordem alfabética. Eram quarenta mil fichas. Mais tarde, depois de ultimar o estudo das fichas em branco, começou a copiá-las em tiras de papel para a impressão, guiando-se na disposição pelo Glossário luso-asiático de Monsenhor Dalgado.

A obra consumiu-lhe vários anos da sua vida. Com razão, pois, pode dizer, comentando a sua transferência para a cadeira de Português no Colégio Pedro II: “Minha transferência para português, sem concurso, deu que falar. — Respondendo a êstes murmuradores com a publicação do *Dicionário Etimológico*. O dicionário valeu por um concurso”. (*Discurso proferido em 23 de Setembro de 1952 no salão nobre do Externato do Colégio Pedro II por ocasião do recebimento do título de professor emérito*, Rio, 1952, p. 13). Também no prefácio ao *Dicionário* se refere ao trabalho que lhe custou a elaboração da obra: “O que não se poderá negar é o prodigioso esforço que despendi (êste eu afirmo de frente erguida), a grande força de vontade de que dispus, lutando contra dificuldades técnicas de impressão e custeando as avultadas despesas da obra. Direi como Cortesão: “A glória do trabalho, de muito trabalho, de boa vontade e comprovada paciência

nas investigações, essa é que ninguém em boa consciência poderá regatear-nos”. (Subsídios — Aditamento).

Depois da obra de Adolfo Coelho, foi o *Dicionário Etimológico*, de Antenor Nascentes, o primeiro que na língua foi publicado. Mas devido ao caráter do dicionário de Adolfo Coelho podemos dizer que a obra de Nascentes era e é o primeiro dicionário etimológico português na moderna acepção da palavra. É que o livro de Adolfo Coelho se restringia ao mero registro de étimos, enquanto que Nascentes dá, além disso, a explicação da evolução fonética, histórica, sociológica etc. das palavras. Entre os dois dicionários há, pois, uma profunda diferença na apresentação do material etimológico. Não obstante, Antenor Nascentes considera Adolfo Coelho como seu grande predecessor digno de elogios e reconhecimento. Por exemplo, no artigo “Adolfo Coelho e a etimologia”, publicado no X vol. do *Boletim de Filologia* (Miscelânea Adolfo Coelho), 1950, mostra que Adolfo Coelho foi o criador dos estudos filológicos em matéria de etimologia da língua portuguesa. A Adolfo Coelho e outros predecessores se refere também no prefácio ao *Dicionário*: “Há muito tempo que o *Dicionário Manual Etimológico*, de Adolfo Coelho (com todos os seus defeitos e lacunas ainda a melhor obra de conjunto sobre a etimologia dos vocábulos portugueses) se tornou raro. Fazia sentir-se a necessidade de uma obra deste gênero, a qual estivesse em dia com as últimas aquisições da ciência. Pacheco Júnior, o nosso erudito filólogo, prometeu em sua *Gramática Histórica*, pg. 133, um dicionário etimológico que não chegou a ser publicado. O grande mestre português Gonçalves Viana tinha em preparação um dicionário etimológico, segundo afirmação de Cláudio Basto na *Revista Lusitana*, XVII, 220. Em 16 de maio de 1907, Salvador de Mendonça propôs que a Academia Brasileira de Letras elaborasse uma obra desta natureza. Estes trabalhos, porém, não surgiram à publicidade”. (p. IX).

Se considerarmos todos os obstáculos que o autor era obrigado a vencer, e o caráter pioneiro da obra, devemos achar justo o aplauso da Academia Brasileira de Letras, que distinguiu o *Dicionário* com o 1.º Prêmio Francisco Alves de 1932,

publicando o parecer da comissão julgadora na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, CXXXIX.

Mas a repercussão da obra nota-se também na crítica especializada no Brasil e no estrangeiro.

São inúmeras as críticas e referências relativas ao *Dicionário*, que apareceram no Brasil. Citemos algumas delas: Sousa da Silveira, no *Jornal do Commercio*, 5.2.1933; Saul Borges Carneiro, *Boletim de Ariel*, janeiro, 1933; Medeiros e Albuquerque, *Gazeta*, 21.12.1932; Humberto de Campos, *Diário Carioca*, 18.12.1932; Joaquim Ribeiro, *Jornal do Commercio*, 9., 16., 23. e 30.7.1933; José Geraldo Vieira, *O Jornal*, 6.8.1933; Said Ali, *Jornal do Commercio*, 10.12.1933; Assis Memória, *Jornal do Brasil*, 28.3.1935; Augusto Magne, *Revista de Filologia e História*, tomo II, fasc. II; Tomás Murat, *O Globo*, 6.3.1933, etc., além do citado parecer da Comissão da Academia de Letras, elaborado por João Ribeiro. A algumas das críticas, acima citadas, o Autor respondeu, explicando o seu ponto de vista; cf.: “Resposta às observações críticas relativas ao “Dicionário Etimológico”, *Jornal do Commercio*, 20.8.1933 (resposta às notas de Joaquim Ribeiro), “Uma crítica do meu Dicionário Etimológico”, *Boletim de Ariel*, a. II, n.º 11 (resposta à crítica do P. Magne); cf. também: “Em defesa de um dicionário”, *A Língua Portuguesa*, V, 1936.

Dos filólogos estrangeiros que prestaram a sua atenção ao *Dicionário Etimológico*, citemos, sobretudo, Edouard Bourciez, cujo artigo, dedicado à obra, foi publicado em *Bulletin Hispanique*, 1936, págs. 286-288 e, em tradução portuguesa, na *Revista de Cultura*, fasc. 130, págs. 238-239. “Sente-se em cada página, em cada artigo deste livro”, diz o lingüista francês, “que o autor está perfeitamente ao corrente dos métodos da filologia românica...” Karl Vossler refere-se ao *Dicionário* em *O Globo*, 28.8.1932 e no seu ensaio, intitulado “Über geistiges Leben in Südamerika” que foi publicado em *Corona*, III (1932/33), fasc. 5, págs. 623-645; comentando a vida científica no Brasil diz Vossler (p. 535): “...Andere hinwiederum wenden sich von derartigen Extravaganzen und Paradoxien ab und verhüllen sich in strengste Sammelarbeit. Ein

Beispiel und Vorbild dieser Haltung gibt uns Doktor Antenor Nascentes in Rio, der nach mehr als zwanzigjähriger Bemühung unter den schwierigsten Verhältnissen eben jetzt sein grosses etymologisches Woerterbuch der portugiesischen Sprache veröffentlicht und der gesammten Romanistik einen wirklichen Dienst erwiesen hat". V. Pisani diz em *Paideia*, X, 6, que "il lavoro é meritorio ed offre al lettore copioso materiale spesso accompagnato da una critica sana, constituendo al giorni d'oggi [...] il migliore dizionario etimologico portoghese finora esistente". Dos filólogos portugueses é de citar M. de Paiva Boléo, *Revista de Portugal*, n.º 37, Rebêlo Gonçalves, *Fibologia e Literatura*, 487, Sá Nogueira, *A Língua Portuguesa*, III (cf. também *Questões de Linguagem*, II, 317) e Xavier Fernandes, *Estudos de Lingüística*, p. 50 (cf. *A Língua Portuguesa*, vol. v, fascs. 4 e 7). As observações críticas contidas na extensa recensão de Rebêlo Gonçalves, o Prof. Nascentes respondeu no seu artigo "Em defesa do meu Dicionário" (vj. *Revista de Cultura*, fasc. 99, págs. 155-158). O conhecido filólogo inglês Simeon Potter registra o *Dicionário* no seu livro *Modern Linguistics*, Londres, 1957, p. 102. Etc.

Vinte anos mais tarde, em 1952, publicou o Prof. Nascentes o segundo volume (389 págs.), que analisa os nomes próprios. No prefácio o Prof. Serafim da Silva Neto esclarece a importância do tómo, a qual não se restringe aos estudos filológicos e lingüísticos, mas abarca área muitíssimo maior: interessa, igualmente, aos historiadores e aos geógrafos, pela cópia imensa de materiais e informações que aduz. "Essa obra", diz o saudoso filólogo, "honra a ciência brasileira. Dará, no estrangeiro, a certeza de que entre nós, como em campo fértil e fecundo, cresceu e se desenvolveu a semente da ciência européia".

Também esta obra foi bem aceita pela crítica. Citemos, a título de exemplo, as palavras de V. Pisani que, na *Paideia*, XI, 6, afirma que a obra "merita riconoscenza per la grandissima quantità di notizie da lui messe a disposizione degli studiosi".

O terceiro volume, que o Prof. Nascentes está preparando atualmente, estudando nêle palavras portuguesas de origem da Ásia, África e Oceania, será o coroamento do grande

esfôrço que desenvolveu no campo das investigações etimológicas.

ESCRITOR, PUBLICISTA E MUSICÓLOGO

Para terminar o artigo queremos chamar a atenção para outros tipos da atividade do Mestre — atividade, que, certamente, não tem tanta importância como a de filólogo, mas que precisamos conhecer para termos uma idéia mais exata sobre essa figura tão curiosa e multifacética da cultura brasileira.

O Prof. Nascentes é carioca e no Rio de Janeiro tem exercido tôda a sua atividade pedagógica e científica. O seu amor à velha Capital não se restringe, porém, ao lado sentimental, senão manifestou-se concretamente num livro, em que, além da admiração, revela o Autor tão bons conhecimentos que o colocam entre as pessoas que atualmente melhor conhecem a cidade. *Efemérides cariocas* — tal é o título do livro, publicado em 1957 — é uma história da antiga Capital em dados, escrita por antecipação para comemorar o IV Centenário da sua fundação.

O bom observador Antenor Nascentes revela-se também em seus dois livros de viagem e numerosos artigos de turismo que publicou. É interessante que êste notável homem de ciência, que deu a lume tantas obras (e, entre elas, várias de grande fôlego), não se enclausurou no seu gabinete, senão, pelo contrário, sempre demonstrou interêsse pelos problemas do seu tempo e pelas belezas da sua terra e de outros países. Se todos os numerosos artigos que publicou, em *A vida social*, no *Diário do Interior*, em *O Turista*, e, sobretudo, no *Correio da Manhã*, em *A vida doméstica* e *A Nação*, sobre vários aspectos da terra brasileira e sobre os países do velho Continente e da África, reunisse em livro, dariam, pelo menos, dois grossos volumes. É pena que o Prof. Nascentes não tenha cogitado de publicar a coleção dos artigos que refletem as suas impressões das cinco viagens à Europa — viagens, às vêzes, longas (a primeira, em 1927, durou oito meses) e em que conheceu quase todos os países europeus. Mas se nos falta um livro seu sobre Europa, podemos ler, recolhidas em volume, as suas impressões dos EE.UU. e do continente sul-ame-

ricano; em *Num país fabuloso* (1934) descreve a sua viagem de Nova Iorque a São Francisco, e em *América do Sul* (1937) relata a sua viagem desde o Uruguai até as Guianas.

Nestes trabalhos revelou o Prof. Nascentes o seu talento de escritor que, ainda mais marcadamente, se manifestou em várias narrativas e folhetins, publicados, nos anos de 1925-26, no *Correio da Manhã* e em seus ensaios dramáticos; dêstes foi publicada, em *A vida doméstica* (setembro de 1930), a comédia em um ato *Talvez*, representada, em 1931, em Cambuquira. Parece-nos que ninguém sabe que o eminente filólogo escreveu também várias poesias (nunca publicadas), das quais a mais emocionante (e honrosa para o país do autor dêste artigo) é *Lidice, a imortal* — reflexo de indignação que causou ao autor a bárbara destruição da aldeia tcheca pelos nazis.

O gôsto literário uniu-se aos conhecimentos das línguas na tradução do *Teatro*, de Beaumarchais, publicado em 1923 e que valeu ao Prof. Nascentes as palmas acadêmicas da França; as peças traduzidas são três: “O Barbeiro de Sevilha ou a precaução inútil”; “O dia das loucuras ou o casamento de Fígaro” e “O outro Tartufo ou a culpa materna”. Do espanhol o Prof. Nascentes traduziu *O Buscapé*, atribuído a Cervantes; a tradução em que se conserva o caráter arcaico do original, tendo sido feita na linguagem do século XVI, foi publicada no *Anuário do Colégio Pedro II*, vol. VII, 1926-1927. No prelo encontra-se agora a sua tradução do *Fausto*, feita diretamente do alemão — língua que o Prof. Nascentes domina com perfeição e em que se expressa correntemente.

Se, em traduções, como acabamos de dizer, se une o escritor ao filólogo, em outro tipo de atividade cultural do Prof. Nascentes se une o escritor ao pedagogo; trata-se de artigos de divulgação literária, que visam mostrar aos leitores, como devem ler e quais são os livros recomendáveis para êles. Como guia ao leitor servem, p. ex., seus artigos “Literatura brasileira” (*Revista social*, vol. XVI, n.ºs 190-191, págs. 347-361; n.º 192, págs. 437-449; vol. XVII, números de abril e de maio) e “Literatura portuguesa” (*ibidem*, vol. XVII, n.º 197). A intenção de facilitar a metodização das leituras aos alunos manifesta o artigo “Planos de leitura” (*Revista social*,

n.º 185, II, 1923). O artigo, publicado sob o mesmo título em *A Raça*, III, 25.8.1923, mostra como fazer o plano de leituras para absorver o acervo literário legado pelo passado. O fruto das suas leituras de muitos anos são as “Citações portuguesas célebres” (*Revista de Cultura*, fasc. 84, págs. 253-257 e fasc. 91, págs. 15-17) — registro, sempre acompanhado com a devida abonação, das frases célebres dos autores brasileiros e portugueses. Uma série de outros artigos de divulgação literária foi publicada, também, nas revistas *A Faceira* e *A vida doméstica*.

No seu *Discurso*, acima citado, p. 6, confessa-se o Prof. Nascentes um apaixonado pela música. Este interesse levou-o não só a aprender bem a tocar violino, mas também a estudar a teoria musical; fruto desta pesquisa são os *Elementos de teoria musical*, publicados, em colaboração com o Prof. José Raymundo da Silva (1917, 10.^a ed., 1959). Além disso, o Mestre publicou ainda vários artigos de divulgação musical, tratando um deles, “Centenário de Verdi” (*A Faceira*, n.º 26, IX, 1913) do seu compositor predileto.

Como se vê, são múltiplos os interesses culturais do Prof. Nascentes. O reflexo deles nota-se na própria obra filológica do Mestre — obra realizada com ampla visão, com largos conhecimentos, com bom senso do apreciador da arte e da vida.